

NOSTALGIA

AVACAI

Eugênio Gomez

Faculdade de Medicina

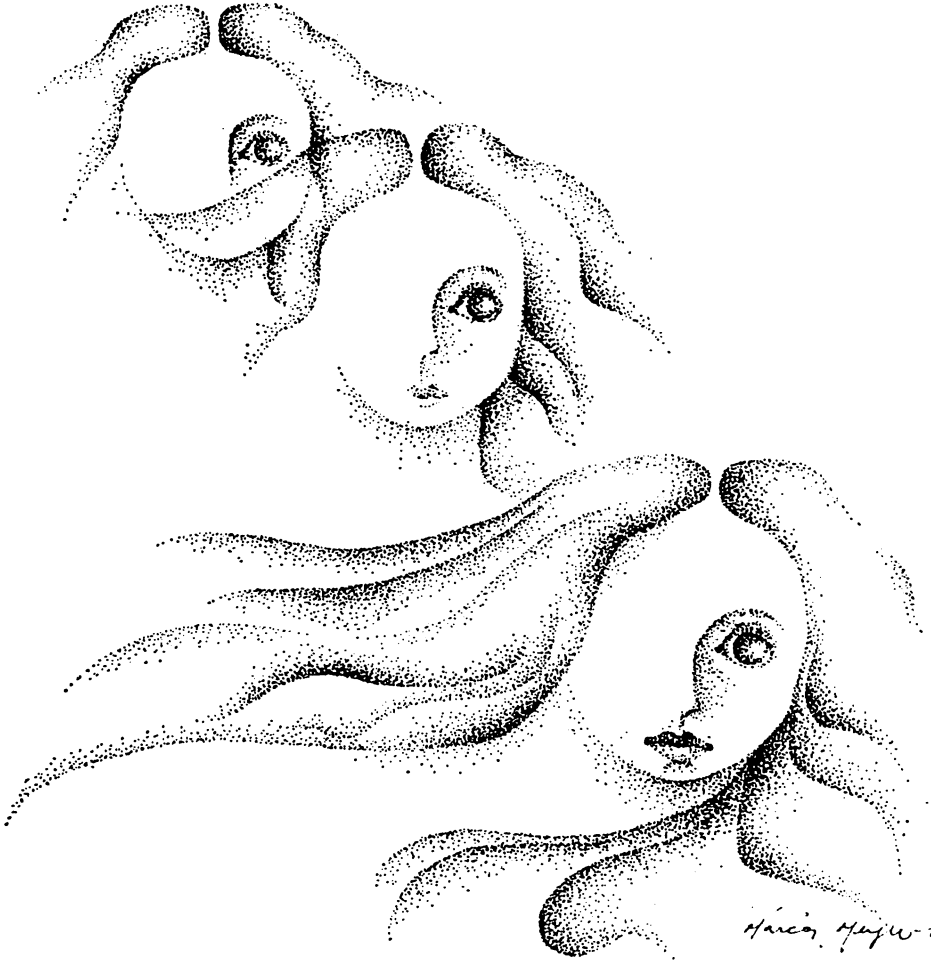
Dos nossos velhos colóquios em surdina eu guardo uma palavra só. Sigo. E tanto tempo faz que foi dita, que já não sou capaz de lembrar, hoje, o choque e o som exato. Mas por muita vida carreguei comigo sua tristeza e a perplexidade.

Agora, já não sou alma que se distraia no vôo vertiginoso dos pensamentos. Segui. E o tempo e os fatos endurecem as pessoas. Mas ainda um contraponto fosco de imagens e sons persiste e resiste. Fios e guindastes, tumulto e tumores, e entre os nossos corpos um espaço virtual sempre havia.

Minha memória é péssima e sou mau narrador: sei de impressões, nada sou seguro de fatos: mas o sentido racional das palavras vale menos que a conotação emotiva das acontecências, e eu só posso dizer dos sentidos orgânicos dos quais tenho a alma varrida: dez anos atrás havia um sol diferente no ar, líricos violinos ferindo o espaço, um gosto ibérico, um doce ritmo verlainiano.

E a gente caminhando, mudos, sob a luminosidade dourada do quase crepúsculo na antiga avenida.

Você era mulher à beça, sabia onde pisava. Fôlego de sete gatos, sedenta da aproximação humana. Muito segura de si — me metia susto, me deixava pouco homem. E tinha a palavra certa, quando eu me reclinava na hipochondria das curvas de auroras ancestrais.



Harold Lloyd 72

sozinho, e a leitura de Proust de há muito já não é feita a duas vozes. A máquina de escrever, num canto: afinal, sou uma pessoa adulta. Longe

meu onde

se esconde.

Hoje sou poeta que abate outros pássaros.